

Ākāśa

David Reigle

Este texto faz parte de um glossário contínuo de termos relacionados ao Livro de Dzyan.

O termo ākāśa, geralmente traduzido na atualidade como “espaço”, foi entendido de maneiras bastante diferentes nos textos em sânscrito. Seus significados variam de “céu” ao quinto elemento (“éter”), de um princípio cósmico quase definitivo a nada mais do que espaço vazio. Ocorre no Livro de Dzyan como “um mar de fogo sem margens” (estrofe 3, versículo 7), em é que quase um princípio cósmico último. Não pode ser o princípio cósmico final denominado "espaço" no Catecismo Senzar esotérico ou Catecismo Oculto, porque ākāśa é descrito como uma irradiação desta fonte [1]. Os vários significados de ākāśa encontrados em vários sistemas de pensamento indianos serão dados, a seguir, com mais detalhes.

No uso diário comum, ākāśa normalmente se refere ao "céu". Em um uso um pouco mais técnico, ākāśa pode se referir ao "éter" como o quinto dos cinco elementos (terra, água, fogo, ar e éter), muito parecido com o éter postulado pela ciência até que foi amplamente refutado pelo experimento Michelson-Morley de 1887. Como o quinto elemento, ākāśa é frequentemente associado a uma palavra para “elemento”, bhūta ou dhātu. Assim, bhūtākāśa, o elemento ākāśa, ou ākāśa-dhātu, o elemento ākāśa. Como um princípio cósmico quase último, ākāśa pode se referir à primeira coisa a emanar do princípio cósmico último, como no sistema hindu não-dualista da Vedānta Advaita. Ou pode se referir a um princípio cósmico quase último que não emanou do nada, mas é um dentre outros princípios cósmicos eternos, como no sistema hindu pluralista da Vaiśeṣika. Nem como um elemento nem como um princípio cósmico quase último, ākāśa pode se referir apenas ao espaço vazio, como no sistema budista Madhyamaka.

No Livro de Dzyan, conforme relatado por H. P. Blavatsky em *A Doutrina Secreta*, ākāśa é um princípio cósmico quase último, é a primeira coisa a emanar do princípio cósmico último. É “a irradiação de Mūlaprakṛiti” (*A Doutrina Secreta*, vol. 1, p. 10 [edição em língua inglesa]), que é a "substância raiz pré-cósmica", "aquele aspecto do Absoluto que subjaz a todos os planos objetivos da Natureza" (DS 1.15) Livro de Dzyan, estrofe 3, versículo 7: “O Espaço Luminoso, Filho do Espaço Escuro. . . transforma a parte superior em um mar de fogo sem margens” [2]. Comentário: “O 'Mar

de Fogo' é então a Luz Superastral (isto é, numenal), a primeira irradiação da Raiz, a Mūlaprakṛiti, a Substância Cósmica indiferenciada, que torna-se matéria astral ”(DS 1,75). “Mūlaprakṛiti,. . . a substância primordial,. . . é a fonte da qual Ākāśa irradia ”(DS. 1.35). É definido por Blavatsky: “Ākāśa - a luz astral - pode ser definida em poucas palavras; é a Alma Universal, a Matriz do Universo, o ‘*Mysterium Magnum*’ do qual tudo o que existe nasce por separação ou diferenciação. É a causa da existência; preenche todo o Espaço infinito; é o próprio Espaço, em um sentido, ou seus Sexto e Sétimo princípios (DS 2.511-512).” Assim, como resumido por Blavatsky: “Toda a gama de fenômenos físicos procede do Primário do Éter - Ākāśa, como Ākāśa de natureza dual procede do Caos indiferenciado, assim chamado, sendo este último o aspecto primário de Mūlaprakṛiti, a matéria-raiz e a primeira ideia abstrata que se pode formar de Parabrahman” (DS¹ 1.536).

No sistema hindu da Vedānta, ākāśa é um princípio cósmico quase último, é a primeira coisa a emanar do princípio cósmico último, Brahman, a realidade última. Todas as escolas da Vedānta são baseadas nos Upaniṣads. O Taittirīya Upaniṣad 2.1.1 diz: “Daquele [Brahman], verdadeiramente, deste Ser [Ātman], ākāśa surgiu; de ākāśa, ar; do ar, fogo; do fogo, água; da água, terra; da terra, as plantas, das plantas, os alimentos; da comida, a pessoa "(brahma... tasmād vā etasmād ātmana ākāśaḥ sambhūtaḥ | ākāśād vāyuh | vāyor agniḥ | agner āpaḥ | adbhyaḥ pṛthivī | pṛthivyā ośadhayaḥ | pṛthivyā ośadhayaḥ | oṣ annḥ annu). No entanto, existem passagens nos Vedas e Upaniṣads nas quais ākāśa (ou o por vezes sinônimo vyoman) é usado para designar Brahman, a realidade última. Assim, os próximos textos da Vedānta mais confiável, os *Brahma-sūtras*, dizem que Brahman é ākāśā (1.1.22), em seguida é dito que Brahman é prāṇa (1.1.23), e Brahman é jyotis, "luz" (1.1.24), os comentaristas acrescentam que este ākāśā deve ser distinguido do ākāśa como um elemento (bhūta-ākāśa). No entanto, este texto é entendido como dizendo apenas que este ākāśa é Brahman em um sentido. Visto que ākāśa descreve um aspecto de Brahman, ele pode ser usado para designar Brahman. Isso fica claro no Taittirīya Upaniṣad 1.6.2: “Brahman cujo corpo é ākāśa” (ākāśa-śarīram brahma).

A Vedānta Advaita é a escola não dualista da Vedānta, ensinando que Brahman, a realidade última, e Ātman, o Ser, são um. Os instrutores desta escola concordam com a passagem do *Taittirīya Upaniṣad* dizendo que de Brahman, de Ātman, surgiu ākāśa. Seu

¹ Nota do Tradutor: Aqui DS se refere à Doutrina Secreta. Porém, o autor se utilizou da edição em língua inglesa.

pai fundador, Śaṅkarācārya, escreveu um pequeno tratado chamado *Pañcikaraṇa*, no qual seu discípulo próximo Sureśvara escreveu um comentário em verso (*Vārttika*), dizendo (versículo 3) “daquele [param brahman] surgiu ākāśa” (param brahma . . . tasmād ākāśam utpannam). Num sistema não dual, nada pode realmente surgir de um Brahman separado dele. Portanto, ākāśa surge apenas por meio da entrada em jogo de māyā, o poder da ilusão ou aparência ilusória, um poder possuído por Brahman. De acordo com isso, o escritor posterior Vidyāraṇya em seu clássico *Pañcadaśī* escreveu (capítulo 13, versículo 67): “A primeira modificação [de māyā] é ākāśa” (māyāṃ... Ādyo vikāra ākāśaḥ). Na Vedānta Advaita, todo o universo é uma māyā ou aparência ilusória sobreposta a um Brahman. No entanto, neste sentido, ākāśa é aqui entendido como a primeira coisa a emanar de Brahman, a realidade última.

No sistema hindu Vaiśeṣika, ākāśa é um princípio cósmico quase último que não emanou do nada, mas é um entre outros princípios cósmicos eternos. É uma das nove realidades ou substâncias últimas (*dravya*): terra, água, fogo, ar, ākāśa, tempo (*kāla*), direção (*dik*), Ātman e mente (*manas*) (*Vaiśeṣika-sūtra* 1.1.4 ou 1.1.5) [3]. Como os outros oito princípios cósmicos, ākāśa é eterno ou permanente (*nitya*) (*Vaiśeṣika-sūtra* 2.1.28). É unitário ou um, não muitos (*Vaiśeṣika-sūtra* 2.1.29); ou seja, não consiste em átomos finais (*paramāṇu*) como os quatro elementos, terra, água, fogo e ar. No entanto, é um elemento (*bhūta*), um dos cinco elementos junto com esses quatro. É onipresente ou todo-presente (*Vaiśeṣika-sūtra* 7.1.27 ou 7.1.22). Como tal, ākāśa fornece o meio no qual os outros quatro elementos eternos no sistema Vaiśeṣika pluralista podem se combinar para produzir o cosmos visível.

No sistema Jaina ou jainista, ākāśa é um princípio cósmico quase último que não emanou do nada, mas é um entre outros princípios cósmicos eternos. É uma das seis realidades ou substâncias últimas (*dravya*): almas (*jīva*), meio de movimento (*dharma*), meio de repouso (*adharma*), ākāśa, matéria (*puṅgava*) e tempo (*kāla*). Esses seis princípios cósmicos são eternos. Aqui, ākāśa não é um dos elementos, terra, água, fogo e ar. Em vez disso, é o princípio cuja função é fornecer espaço ou ser um receptáculo (*avagāha*) para os outros cinco princípios cósmicos (*Tattvārthādhigama-sūtra* 5.18). Como tal, é o “espaço-mundo” (*loka-ākāśa*). Além do mundo-espaço está o “espaço infinito” (*ananta-ākāśa*), no qual nada existe (*Pañcāstikāya-sāra*, versos 97-103 ou 90-96). No entanto, como uma das seis realidades ou substâncias últimas ou princípios cósmicos, ākāśa é real, algo em vez de nada.

Nos primeiros ensinamentos budistas do Abhidharma, sistematizados pelos Sarvāstivādins da Caxemira, chamados de Vaibhāṣikas, ākāśa é um dos três dharmas² não compostos ou não condicionados entre os setenta e cinco dharmas que constituem o cosmos. Além do ākāśa não composto, definido como anāvṛti, "aquilo que não obstrui" (Abhidharma-kośa 1.5d), há o elemento ākāśa, ākāśa-dhātu, definido como uma chidra [em sânscrito], um "buraco ou cavidade ou espaço delimitado" (Abhidharma-kośa 1.28a). O elemento ākāśa não é contado como um dharma, enquanto o ākāśa não composto é. Os dharmas são reais ou realmente existentes (dravyasat), sejam os setenta e dois dharmas compostos (saṃskṛta) ou os três dharmas não compostos (asaṃskṛta), já que uma única realidade última não é postulada. Como um dos três dharmas não compostos ou não construídos, junto com dois tipos de cessação (nirodha), ou seja, nirvāṇa, ākāśa não foi produzido por nada mais. É onipresente (sarvagata) e eterno ou permanente (nitya). Para mostrar que ākāśa é algo real e não nada mais do que um espaço vazio, como foi entendido por seus correligionários Sautrāntikas, os Vaibhāṣika Sarvāstivādins citam o que Gautama Buddha disse a um questionador brâmane nesta passagem escritural: "Sobre o que, Senhor Gautama, a terra se apoia? A Terra, ó Brahmin, apoia-se no disco de água. Em que, Senhor Gautama, apoia-se o disco de água? Apoia-se no ar. Em que, Senhor Gautama, o ar se apoia? Apoia-se no ākāśa. Em que, Senhor Gautama, ākāśa se apoia? Você foi longe demais, grande brâmane; você foi longe demais, grande brâmane. Akāśa, ó Brahmin, não tem suporte, não tem suporte." (Abhidharma-kośa-vyākhyā no capítulo 1, versículo 5, no final) [4]. Além disso, eles dizem que ākāśa é tudo o que resta durante as eras (kalpa) depois que o mundo é destruído (Abhidharma-kośa-bhāṣya no capítulo 3, verso 90). Assim, no sistema pluralista Sarvāstivāda Abhidharma, ākāśa é um princípio cósmico eterno ou permanente não composto, que não emanou de nada, embora não seja a realidade última.

A distinção entre ākāśa como um dharma não composto e ākāśa como um elemento nem sempre é mantida, como no Abhidharma-kośa. Por exemplo, o *Pitṛ-putra-samāgama-sūtra* citado no *Śikṣā-samuccaya* [de Shantideva] (edição Bendall, p. 249) descreve o elemento ākāśa (ākāśa-dhātu) como indestrutível (akṣaya), estável (sthira), imóvel (acala), e como o elemento nirvāṇa não composto (asaṃskṛta nirvāṇa-dhātu), como todo-penetrante (sarvatra-anugata). Essa descrição é claramente do ākāśa não

² Nota do tradutor: O termo "dharma" no contexto budista pode também se referir a fenômenos ou coisas. Dharma no sentido de doutrina, ensinamento ou sustentação é geralmente transliterado em com "D" maiúsculo para se diferenciar dos outros sentidos abordados neste texto.

composto, mas é chamado de elemento ākāśa (ākāśa-dhātu). A razão para isso é que o termo dhātu, usado no *Abhidharma-kośa* e em outros lugares para distinguir ākāśa como um elemento, não é coextensivo com o termo mais específico para os elementos. Os quatro elementos, terra, água, fogo e ar, são chamados de “grandes elementos” (mahā-bhūta). Portanto, é possível que ākāśa seja um dhātu, mas não um mahā-bhūta. Aqui no *Piṭṭi-putra-samāgama-sūtra*, até mesmo o nirvāṇa é chamado de dhātu.

No sistema Yogācāra budista Mahāyāna, ākāśa é um dos seis ou oito dharmas não compostos ou não condicionados entre os cem dharmas que constituem o cosmos [5]. Como tal, é o mesmo que o ākāśa não composto ensinado pelos Sarvāstivādins, descritos acima. Ou seja, é um princípio cósmico não composto, eterno ou permanente que não emanou do nada, embora não seja a realidade última.

No sistema Madhyamaka budista Mahāyāna, ākāśa é o mero espaço vazio em que as coisas estão e que está dentro das coisas, como o espaço em uma sala. O pai fundador do sistema Madhyamaka, Nāgārjuna, diz em seu *Ratnāvalī, A Grinalda Preciosa*, capítulo 1, versículo 99ab: “Porque é meramente a ausência de forma (rūpa), ākāśa é meramente um nome” (rūpasyābhāva-mātratvād ākāśaṃ nāgarma-mtrakam) [6]. O filho espiritual de Nāgārjuna, Āryadeva em seu *Caryā-melāpaka-pradīpa* nos diz que ākāśa não é um elemento e que sua função é fornecer espaço para todas as coisas existentes (ākāśaṃ . . . na mahā-bhūtam . . . avakāśa-dānāt ākāśaṃ sarva-bhāvānām) [7]. Comentando sobre o *Catuh-sataka* de Āryadeva (capítulo 9, versículo 5), Candrakīrti, escritor Prāsaṅgika Madhyamaka, diz que ākāśa é meramente um nome (nāmadheya-mātra) de algo que realmente não existe (avastusat), um nada (akiṃcana) [8]. Visto que Prāsaṅgika Madhyamaka é a visão predominante no budismo tibetano, ākāśa é entendido da mesma forma por lá. Tsongkhapa, fundador da proeminente escola Gelugpa, diz em seu *Legs bshad gser phreng* que ākāśa não tem natureza inerente (svabhāva) e o descreve como “uma mera representação de uma mera ausência de contato obstrutivo ou impedimento” [9]. Assim, no sistema budista Madhyamaka, ākāśa nada mais é do que um espaço vazio.

No sistema Sautrāntika budista inicial, ākāśa nada mais é do que um espaço vazio, assim como no sistema Madhyamaka, presumivelmente posterior. Uma linha do *Jñāna-sāra-samuccaya*, versículo 23, resume a visão Sautrāntika de ākāśa, dizendo que é “igual ao filho de uma mulher sem filhos” (vandhyā-suta-samaṃ vyoma). Esta é uma metáfora comum para algo que não existe. Conforme relatado no *Abhidharma-kośa-bhāṣya* em 2.55d, os Sautrāntikas definem ākāśa como não real (adravya), não uma coisa existente

(bhāva) como forma (rūpa), sensação (vedanā), etc. É a mera ausência do tangível (sprasṭavya-abhāva-mātra), como não encontrar um obstáculo ou resistência (pratighāta) no escuro.

No antigo sistema Theravāda budista em sua forma atual, ākāśa (Pali: ākāsa) é um mero espaço vazio. Quando distinguido como o elemento ākāśa (ākāśa-dhātu), refere-se ao mero espaço vazio nas aberturas, como internamente no ouvido ou externamente nas portas [10]. Não é um dos grandes elementos (mahā-bhūta), como terra, água, fogo e ar. É meramente uma ideia abstrata, uma construção conceitual (paññatti-mattā) [11]. Isso difere dos dhammas, que são coisas reais, sendo estabelecidos por sua natureza inerente (sabhāva-siddha). Visto que ākāśa nem mesmo é um dhamma / dharma aqui, certamente não é um dhamma / dharma não composto, como era no antigo sistema budista Sarvāstivāda. O sistema Theravāda reconhece apenas um dhamma / dharma não composto (Pali: asaṅkhata dhamma), a saber, nirvāṇa (Pali: nibbāna). Fora do cânone Theravāda, há um texto em Pali, o Milinda-pañha, que diz que há duas coisas que não surgem do karma (Pali: kamma), nem de uma causa (hetu), nem da mudança física (utu): ākāśa e nibbāna [12]. Mas este não é o Theravāda convencional [13].

Como pode ser visto, ākāśa no Livro de Dzyan é como ākāśa no sistema hindu da Vedānta Advaita. Tanto o Livro de Dzyan, quanto a Vedānta Advaita são não dualistas. Em ambos, ākāśa é um princípio cósmico quase último, a primeira coisa a emanar do princípio cósmico último.

Notas

1. O espaço é definido no Catecismo Senzar esotérico (*The Secret Doctrine [A Doutrina Secreta]*, vol. 1, p. 9), ou no Catecismo Oculto (DS, vol. 1, p. 11), ou no catecismo esotérico (DS, vol. 1, p. 35). Neste último, Blavatsky comenta sobre o primeiro verso da primeira estrofe do “*Livro de Dzyan*”. Lá, o espaço do Progenitor eterno é descrito como estando envolto em suas vestes sempre invisíveis. Diz-se que essas vestes representam o númeno da matéria cósmica indiferenciada, e isso é chamado de mūla-prakṛti. Isso é descrito como “a fonte da qual ākāśa se irradia”. Especificamente, ākāśa é dito ser “a primeira irradiação da Raiz, Mūlaprakṛiti, a Substância Cósmica indiferenciada, que se torna Matéria Astral” (DS. 1.75). Portanto, “espaço” não pode ser a tradução de ākāśa aqui.

2. Livro de Dzyan, estrofe 3, versículo 7: “Eis, ó Lanu! O filho radiante dos dois, a glória refulgente sem paralelo: Espaço Luminoso Filho do Espaço de Trevas, que emerge das profundezas das grandes águas escuras. É Oeaoohoo, o mais jovem, o * * * Ele brilha como o filho; ele é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria; o Um é Quatro, e o Quatro toma para si Três, * e a União produz o Saptá, no qual estão os sete que se tornam a Tridasa (ou as hostes e as multidões). Observe-o levantando o véu e desfraldando-o de leste a oeste. Ele fecha o que está acima e deixa o que está abaixo para ser visto como a grande ilusão. Ele marca os lugares para os que brilham, e transforma a parte superior em um mar de fogo sem margens, e aquele que se manifesta nas grandes águas. ”

3. Os números dos versos fornecidos são da edição em sânscrito e tradução em inglês dos *Vaiśeṣika-sūtras*, edição de Anantalal Thakur, publicada em *Origin and Development of the Vaiśeṣika System*, 2003, pp. 24-121. Eles são seguidos pelos números dos versos encontrados nas edições e traduções dos *Vaiśeṣika-sūtras* comentados por Śāṅkara-miśra. A de Thakur é de longe a edição e tradução mais definitiva disponível hoje. É baseada principalmente nas leituras encontradas no comentário anônimo que ele publicou em 1957 e encontrado no texto comentado por Candrānanda, publicado em 1961. Ele substitui completamente as outras edições, que tinham sido o padrão por muito tempo por serem as únicas disponíveis.

4. pṛthivī bho gautama kutra pratiṣṭhitā | pṛthivī brāhmaṇa ap-maṇḍale pratiṣṭhitā | ap-maṇḍalam bho gautama kva pratiṣṭhitam | vāyau pratiṣṭhitam | vāyur bho gautama kva pratiṣṭhitam | ākāśe pratiṣṭhitam | ākāśam bho gautama kutra pratiṣṭhitam | atisarasi mahā-brāhmaṇātisarasi mahā-brāhmaṇa | ākāśam brāhmaṇāpratiṣṭhitam anālambanam |.

Esse mesmo ensinamento é encontrado no texto Mahāyāna, *Ratna-gotra-vibhāga*, capítulo 1, versículo 55:

pṛthivy-ambau jalam vāyau vāyur vyomni pratiṣṭhitam |

apṛatiṣṭhitam ākāśam vāyav-ambu-kṣiti-dhātuṣu || 1.55 ||

5. *The Abhidharma-samuccaya*, edição Pradhan, p. 12, fornece oito dharmas não compostos, incluindo três tipos de tathatā, "talidade". O * *Mahāyāna-śata-dharma-vidyā-mukha* ou * *Mahāyāna-śata-dharma-prakāśa-mukha-śāstra* dá seis dharmas não compostos, contando apenas uma tathatā. Caso contrário, a lista de dharmas não compostos é a mesma.

6. Este versículo é citado no comentário *Prasanna-padā* de Candrakīrti sobre *Mūla-madhyamaka-kārikā* de Nāgārjuna, capítulo 21, versículo 4, edição de Louis de la Vallée Poussin, 1903-1913, p. 413, linha 11.
7. Āryadeva. *Lamp that Integrates the Practices*, editado por Christian K. Wedemeyer, 2007, p. 357.
8. *Catuḥ – śataka-ṭīka*, de Candrakīrti, no versículo número 202 na edição de 1914 de Haraprasād Śhāstrī, p. 483; versículo número 205 ou capítulo 9, versículo 5, em edições posteriores.
9. Tradução de Gareth Sparham, *Golden Garland of Eloquence*, vol. 1, 2008, p. 466.
10. *The Dhammasaṅgani*, Pali Text Society edition por Edward Muller, parágrafo 638, tradução para o inglês como *A Buddhist Manual of Psychological Ethics*, por Caroline A. F. Rhys Davids, 2ª e 3ª edições, pp. 177-178; e seu comentário *Atthasālinī*, edição Pali Text Society, de Edward Muller, parágrafo 647, tradução para o inglês como *The Expositor*, por Pe Maung Tin, p. 425. *The Vibhaṅga*, edição da Pali Text Society pela Sra. Rhys Davids, p. 262, tradução para o inglês como *The Book of Analysis*, de Paṭhamakyaw Ashin Thiṭṭila (Seṭṭhila), parágrafo 605, e seu comentário *Sammoha-Vinodanī*, edição Pali Text Society, de A. P. Buddhadatta Thero, p. 72, tradução para o inglês como *The Dispeller of Illusion*, de Bhikkhu Ñāṇamoli, vol. 1, pp. 84-85.
11. “*Time and Space: The Abhidhamma Perspective*,” por Y. Karunadasa, *Journal of the Center for Buddhist Studies*, Sri Lanka, vol. 2, 2004, pp. 144-166.
12. *The Milindapañho*, Pali Text Society edition por V. Trenckner, pp. 268, 271, tradução para o inglês como *Milinda’s Questions*, por I. B. Horner, vol. 2, pp. 86-87, 90. Ver também: Pali, pp. 387-388, Inglês, vol. 2, pp. 261-262, descrevendo as características de ākāsa.
13. No Catecismo Budista, escrito por Henry S. Olcott em nome dos budistas Theravāda, o parágrafo 327 (na quadragésima quarta edição) diz: "tudo saiu de Ākāsha, em obediência a uma lei de movimento inerente a isto." Na verdade, esta é uma doutrina Teosófica, não uma doutrina Theravada. Por alguma razão, os professores Theravada que revisaram o catecismo a pedido de Olcott antes de sua publicação não entenderam isso. Infelizmente, isso foi citado por H. P. Blavatsky em *A Doutrina Secreta* (vol. 1, pp. 635-636). Também foi dada uma paráfrase da declaração que imediatamente a precedeu no

Catecismo Budista, “O Buddha ensinou que duas coisas não têm causa, a saber, 'Ākāsha' e 'Nirvāna’”, dizendo "eles ensinam que apenas 'duas coisas são [objetivamente] eterno, ou seja, Ākāśa e Nirvāṇa. ” Este é o ensinamento de *Milinda-pañha*, mas não é o ensinamento do Budismo Theravada, muito menos o ensino do Budismo exotérico em geral.

[Traduzido por Bruno Carlucci com permissão do autor para publicação na seção em português do Easter Tradition Research Archive em agosto de 2021. O original em inglês foi publicado em abril de 2021 e pode ser encontrado no <http://prajnaquest.fr/blog/>].